

Desigualdade de gênero: análise da personagem feminina Helena Matoso da obra A carne

Gender inequality: analysis of the female character Helena Matoso of the work A Carne

Veridiana Guimarães¹

DOI: 10.19177/memorare.v6e12019134-151

Resumo: Nesse estudo objetivo refletir sobre a desigualdade de gênero através da protagonista Helena Matoso da obra literária A carne, de Júlio Ribeiro. Busco também entender como essa personagem feminina é apresentada no referido romance e porque esse material escrito do século XIX retrata a construção simbólica da mulher na sociedade. Para isso, apresento algumas questões teóricas acerca da teoria feminista. Assim, no referencial teórico me aproprio do pensamento de inúmeros autores, dentre eles Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Judith Butler, Lucía Guerra e Nádia Elisa Meinerz, para refletir sobre a figuração do feminino. Ao final, analiso o texto de Ribeiro e sua relação com a realidade. A carne retrata os preconceitos vivenciados pelas pessoas do gênero feminino bem como o os tabus construídos socialmente para inferiorizar as mulheres.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero. A Carne.

Abstract: In this objective study reflect on the gender inequality through the protagonist Helena Matoso of the literary work A carne, Júlio Ribeiro. I also try to understand how this female character is presented in the novel and why this nineteenth century written material portrays the symbolic construction of women in society. For this, I present some theoretical questions about feminist theory. Thus, in the theoretical reference I appropriate the thinking of countless authors, among them Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Judith Butler, Lucía Guerra, Nadia Elisa Meinerz, to reflect on the feminine figuration. In the end, I analyze Ribeiro's text and its relation with reality. The flesh portrays the prejudices experienced by women as well as the socially constructed taboos to lower women.

Keywords: Gender inequality. Helena Matoso. The meat.

¹ Mestre em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Especialista em Marketing Político e Organização de Campanha Eleitoral, MBA ministrado em nível de pós-graduação lato sensu pelo Centro Universitário Internacional Uninter (2016). Bacharel em Comunicação social, habilitação jornalismo, pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC (2014). Email veridianasguimaraes@hotmail.

1 Introdução

Tema de inúmeras obras literárias, o universo feminino é marcado por variadas proibições no mundo real e na ficção. Desde os primórdios do patriarcado, julgou-se útil manter a mulher em estado de dependência. Diante disso, o homem justificou a condição de inferioridade da mulher por meio de razões naturais e imutáveis. É preciso considerar que, por vários séculos, com as limitações impostas a elas, foi-lhes negado o acesso à educação e ao conhecimento. Apesar de terem suas vozes silenciadas, as pessoas do gênero feminino conquistaram o direito ao trabalho, ao voto e ao prazer. Contudo, a luta pela igualdade entre gêneros ainda continua. Diante da representação cultural do que é ser mulher, busco estabelecer possíveis relações entre o mundo real e o mundo da ficção, e procuro entender as representações do feminino no imaginário e na cultura. Com a adoção de uma perspectiva feminista, proponho o estudo do romance *A carne*, de Júlio Ribeiro, obra do século XIX. A escolha desse romance se deve ao fato da protagonista se apresentar contra o mundo antifeminista de sua época.

A questão das diferenças impostas entre o feminino e o masculino se manifestou muito cedo na minha vida. Desde o contexto familiar era algo que me inquietava, que me provocava certo incômodo. E é a partir dessa minha angústia que escolhi o tema desse artigo. É uma temática de interesse pessoal. Além disso, a área dos estudos de gênero é hoje bastante consolidada, fato que reforça a minha escolha, basta analisar a quantidade de periódicos, dissertações e teses que trabalham com as diferenças entre elas e eles.

Helena Matoso, carinhosamente chamada de Lenita, é a personagem a ser analisada no livro *A carne*, de Júlio Ribeiro. A obra do naturalismo brasileiro apresenta essa mulher como extremamente culta e bela, e que perdeu a mãe no parto e o pai aos 22 anos de idade. Após a morte da figura paterna, a moça vai morar numa fazenda, no interior de São Paulo, onde conhece o seu amado Manuel Barbosa. Nesse momento seus desejos carnis se manifestam. Manuel, também se deixa envolver por Lenita. No final, a obsessão fantasiosa da realidade leva o casal a atitudes extremas.

A personagem Lenita é construída por um homem, o que desperta a minha curiosidade para as consequências desse fato. Em contrapartida, a protagonista tem o desejo de ser independente e, ainda de ser livre do sistema patriarcal. O estudo foi construído a partir da pesquisa bibliográfica e a análise da obra *A carne*. Com a finalidade de entender em profundidade a desigualdade entre homens e mulheres, escolho como método a pesquisa qualitativa.

Entre as técnicas aplicadas nesse trabalho optei pela pesquisa bibliográfica. Através dela, descobre-se o que os autores, em diferentes épocas, já estudaram e constataram sobre o assunto que vem sendo pesquisado. Para embasar a pesquisa deste trabalho, me aproprio de inúmeras obras, dentre elas as de Simone de Beauvoir e

Pierre Bourdieu. Esse trabalho foi elaborado para promover uma abordagem a respeito de uma temática extremamente relevante e complexa: a desigualdade de gênero.

2 A figuração do feminino na cultura patriarcal

As personagens femininas representam a identidade social das mulheres ao longo dos anos, e algumas delas servem para reproduzir e/ou demonstrar a desigualdade de gênero. Diante disso, entender a construção cultural e social de uma personagem feminina é um dos objetivos desse estudo. Nessa seção tenho como objetivo apresentar algumas concepções e pensamentos que buscam explicar a condição das mulheres na sociedade. Diante dessa minha busca por teorias que já abordassem o assunto, encontrei autores que se debruçam nas explicações biológicas, outros interpretam a desigualdade de gênero pelo viés da cultura.

Para iniciar a reflexão, é importante falar sobre o desequilíbrio existente nas sociedades, sendo a desigualdade responsável pela exclusão de alguns grupos sociais. Dentre as formas de desigualdade está a de gênero, estruturada nas distinções sociais e culturais entre homens e mulheres. Para Luce Irigaray (2017), nessa sociedade, nem mesmo o próprio corpo é de propriedade das mulheres, mas sim, um objeto de consumo. Além de não dominar a sua própria matéria corpórea, elas têm de pensar conforme o sistema de opressão.

A desigualdade entre o feminino e o masculino é um fator histórico. Desde a Antiguidade a mulher era tratada como um ser inferior ao homem, como se a submissão fosse um fator natural do gênero humano. Essa condição feminina foi construída ao longo dos anos. A Grécia, por exemplo, já foi palco da discriminação contra a mulher. Retomo à época da Polis grega, quando as mulheres, os estrangeiros, os escravos e as crianças não eram considerados sujeitos-cidadãos. As mulheres, em particular, eram proibidas de participar dos debates públicos e políticos.

Afim de descrever alguns elementos históricos que contribuíram para a desvalorização do feminino, apresento Aristóteles, um dos primeiros pensadores a falar sobre a diferença sexual. “Quanto ao sexo, a diferença é indelével: qualquer que seja a idade da mulher, o homem deve conservar sua superioridade (ARISTÓTELES, 1991, p. 29). Segundo ele, a inferioridade da mulher é explicada por meios naturais, já que, a inteligência dos homens é superior por natureza. “Em todas as espécies, o macho é evidentemente superior à fêmea: a espécie humana não é exceção” (ARISTÓTELES, 1991, p. 13). Na obra *A política*, Aristóteles (1991, p. 15) analisa a família como um tipo de organização similar a do Estado, onde por natureza o homem nasceu para governar, já a mulher deve ser governada. Em sua tese, defende que o homem é um animal político. Nessa hierarquia o ser masculino

é um animal político e o ser feminino foi construído como uma forma inferior de vida humana.

Assim, em toda parte onde se observa a mesma distância que há entre a alma e o corpo, entre o homem e o animal, existem as mesmas relações; isto é, todos os que não têm nada melhor para nos oferecer do que o uso de seus corpos e de seus membros são condenados pela natureza à escravidão. Para eles, é melhor servirem do que serem entregues a si mesmos. Numa palavra, é naturalmente escravo aquele que tem tão pouca alma e poucos meios que resolve depender de outrem. Tais são os que só têm instinto, vale dizer, que percebem muito bem a razão nos outros, mas que não fazem por si mesmos uso dela. Toda a diferença entre eles e os animais é que estes não participam de modo algum da razão, nem mesmo têm o sentimento dela e só obedecem a suas sensações.

A pesquisadora Rita Schmidt (2012), em seu artigo “Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino”, cita o trabalho desenvolvido por Aristóteles em termos históricos. Por meio das palavras de Schmidt (2012 p. 2-3) é possível identificar a concepção do filósofo grego na qual associa a matéria corpórea feminina à animalidade.

Suas reflexões sobre o estatuto das mulheres na polis o levaram a deduzir a sua inferioridade como algo dado pela natureza, ou seja, a inferioridade deriva de um defeito constitutivo que é o seu corpo frio, incapaz, portanto, de transformar o sangue menstrual em sêmen, substância que carrega a latência do ser humano completo. Segundo seus argumentos, o homem doa a substância do ser (a alma, a forma) na cópula, enquanto que a mulher, embora não destituída de elementos da alma, supre o ser de forma passiva, apenas com a matéria, inferior à forma. Isso significa dizer que a latência da substância não se concretiza na concepção do ser feminino, um ser incompleto por natureza (...). No contexto de seu argumento, os termos que definem o que se qualifica e pode ser reconhecido como humano ficam muito claros, uma vez que, para efeitos práticos, em questões que dizem respeito à organização social e ao funcionamento do Estado, a própria definição do humano implica em construções diferenciadas e hierarquizadas. Dessa forma, as mulheres, os escravos e os bárbaros (os estrangeiros) correspondem a gradações nessa hierarquia, mas é significativo que somente o ser da mulher é concebido como uma forma inferior de vida humana pela matéria corpórea associada à animalidade, o que veio a constituir uma premissa não questionada no âmbito da cultura ocidental e, particularmente, nas disciplinas humanistas, ao longo de séculos.

A autora Lucía Guerra (2006) também se utiliza das ideias de Aristóteles para ilustrar a imagem simbólica do que é o ser feminino. Em sua obra *La Mujer Fragmentada: Histórias de um signo*, a autora fala sobre o território e a sociedade patriarcal e as relações hierárquicas estabelecidas pelo sistema. Durante o texto, salienta que o nível da infraestrutura econômica acabou por delegar a mulher a atividade natural, a reprodução biológica e o cuidado com os filhos, e

destinou ao homem a atividade econômica. Para defender sua ideia, Guerra (2006, p.20) cita Aristóteles, o pensador que associou a mulher ao corpo e o homem com a alma:

En esta separación tajante entre hombre y mujer, amo y esclavo, hombre racional y animales, Aristóteles no sólo atribuye al hombre perteneciente a la aristocracia griega la cualidad innata para el ejercicio del gobierno, sino que también maneja términos sujetos a una relatividad originada en la diferencia genético-sexual impuesta por la estructura patriarcal. Y en este sentido, la devaluación de lo femenino como sinónimo de cuerpo reproductor es similar a aquélla ya analizada en la cultura azteca. Si el coraje masculino se despliega de manera diestra y heroica en las artes de la guerra y de la paz em la capacidad para gobernar, el coraje de la mujer se muestra en el obedecer. Significativamente, Aristóteles también alude al lenguaje que, en el caso del hombre, corresponde a la transmisión del conocimiento y, en la mujer, a la doxa o pura opinión, razón por la cual considera que el silencio es la verdadera gloria de la mujer.

Posso perceber através da fala de Guerra e Schmidt que a inferioridade do feminino está presente em todas as culturas, seja ela grega ou asteca. Mesmo sem os povos terem entrado em contato, e muito menos se conhecerem, pensam a partir da mesma concepção. Assim, assimilo que a inferiorização do feminino é um elemento universal e que está arraigado na sociedade desde muito tempo, já que, desde os primórdios da humanidade a mulher é associada a procriação e afastada do processo cultural.

Apesar das contribuições de Aristóteles para os estudos que discutem a condição feminina e as inúmeras referências de seu nome ao se falar sobre desigualdades sexuais, conforme Meinerz (2012), a origem deste campo de pesquisa nas ciências sociais iniciou de fato com a teoria evolucionista. Para os autores dessa teoria, Henry Morgan (1976) e Friedrich Engels (1980), as formas de família e as relações de gênero evoluíram ao longo da história. Engels (1980), por exemplo, argumenta que já houve um tempo, nas sociedades matriarcais, em que as mulheres dominavam a vida em sociedade devido ao seu poder de procriação. Esse domínio feminino entrou em declínio, segundo Meinerz (2012 p. 47), com o surgimento da propriedade privada e do modelo de família patriarcal. “Essa teoria embasou várias das críticas às condições natural de inferioridade da mulher em relação ao homem e fez prosperar os estudos sobre as condições sociais de opressão feminina”. Além de nos apresentar aspectos históricos, a autora Meinerz (2012) também contribui com a sua versão sobre a inferioridade da mulher. Para ela, “o status social – a forma como cada sexo é reconhecido socialmente – das mulheres é um status atribuído, enquanto dos homens é um status conquistado” (MEINERZ, 2012 p. 47).

Entre os estudos sobre as mulheres está o livro *O segundo sexo*, da autora francesa Simone de Beauvoir (1980, p.179), uma obra importante em que a autora apresenta as versões biológica, psíquica e econômica utilizadas para inferiorizar o ser feminino. Como o

próprio nome do livro já sugere, a autora alerta que a mulher sempre foi tratada como um ser inferior, como secundário.

A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também as suas pretensões ontológicas e morais.

Como ressaltado por Beauvoir (1980), ao longo dos anos, as diferenças biológicas são utilizadas como justificativa para negar o espaço da mulher na sociedade. Através da frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, Beauvoir (1980, p.9) defende que a desigualdade de gênero não nasce com os indivíduos, mas sim, é resultado das imposições da própria sociedade. A partir desse pensamento, a inferioridade social das mulheres não é fruto de suas características biológicas, mas sim, condicionada às circunstâncias sociais e à educação imposta a elas. Para Beauvoir (1980, p.9):

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos.

Diante da imposição social e a socialização destinadas a elas, a autora procurou esclarecer os mitos e as posições que envolvem a figura do homem e a figura da mulher. Dentre as crenças que envolvem a figura feminina está a sua analogia com a natureza. Assim, Beauvoir (1980, p. 184) diz que a mulher “Ora como aliada, ora inimiga, apresenta-se como o caos tenebroso de que surge a vida, como essa vida, e como o além para o qual tende: a mulher resume a natureza como Mãe, Esposa e Ideia”. Na dupla face da mulher para o homem, em determinados momentos, eles a consomem e a destroem assim como fazem com a natureza.

Outro elemento que reforça a construção cultural e simbólica do ser mulher, é a lenda bíblica de Adão e Eva, que também é utilizada como justificativa para explicar a inferioridade feminina, como conta Beauvoir (1980, p. 181): “Eva não foi criada ao mesmo tempo do homem: ela foi fabricada com uma substância diferente, nem com o mesmo barro que serviu para moldar Adão: ela foi tirada do flanco do primeiro macho. Seu nascimento não foi autônomo”.

A recém citada lenda bíblica também demonstra a mulher sendo representada através de papéis secundários e o homem como sendo

um ser importante para a sociedade. Até mesmo a fecundidade feminina, que poderia ser encarada como um diferencial positivo delas em relação a eles, é encarada como uma virtude passiva. Segundo Beauvoir (1980, p. 25), o corpo feminino servir à procriação a cada 28 dias é usado como forma de opressão contra a mulher.

A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo.

Entre os vários aspectos que Beauvoir (1980, p.20-21) procurou explicar sobre a desigualdade de gêneros está a formação dos indivíduos. A escritora fala da educação social e a relação das crianças com os pais, fatores de legitimação da discrepância entre sexos.

Ao passo que o menino procura a si próprio no pênis enquanto sujeito autônomo, a menina embala a boneca e enfeita-a como aspira a ser enfeitada e embalada; inversamente, ela pensa a si mesma como uma maravilhosa boneca. Através de cumprimentos e censuras, de imagens e de palavras, ela descobre o sentido das palavras "bonita" e feia"; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser "bonita como uma imagem"; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos. (...) Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher "feminina" é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico; na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se com rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com colegas, enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo com um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta.

Para além do brincar de boneca, ao longo da vida, as mulheres conhecem inúmeras regras que lhe são impostas pela sociedade. Entre elas está o casamento. "Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se prepararam para sê-lo, ou sofrem por não o ser" (BEAUVOIR 1980, p.165), afinal, "o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e, se ficam solteiras, tornam-se socialmente resíduos". (BEAUVOIR 1980, p.167). A liberdade de escolha não é um privilégio do sexo feminino, já que são criadas para agradar, seja por meio da beleza ou pelas habilidades domésticas, e servir aos outros. Na infância, por exemplo, segue as instruções do pai e dos irmãos, já na idade adulta é condicionada a outro homem, o esposo. Sobre as obrigações do casamento, "ela sabe exatamente que tarefas a aguardam: as mesmas que sua mãe executava" (BEAUVOIR 1980, p. 211).

Depois de casada, além de cuidar do lar e do marido, a esposa tem que exercer o papel de mãe e cumprir seu destino fisiológico. Depois de brincar de casinha, de cozinhar e costurar, a mulher assume o peso das obrigações que carrega seu sexo.

Assim como Beauvoir (1980), Judith Butler (2003) também acredita que o indivíduo não nasce homem ou mulher, mas aprende a desempenhar tais papéis. A autora acredita que os gêneros são socialmente construídos. Segundo ela, existem normas específicas de “ser homem” ou “ser mulher”. Defensora de que a identidade deve ser livre e pensada no plural, Butler (2003, p. 17) contribuiu para a renovação da teoria feminista, criticando-a por limitar os seres a categorias. A seguir a pesquisadora fala das mulheres como sujeito do feminismo.

Fazer apelos à categoria das mulheres, em nome de propósitos meramente “estratégicos”, não resolve nada, pois as estratégias sempre têm significados que extrapolam os propósitos a que se destinam. Nesse caso, a própria exclusão pode restringir como tal um significado inintencional, mas que tem consequências. Por sua conformação às exigências da política representacional de que o feminismo articule um sujeito estável, o feminismo abre assim a guarda a acusações de deturpação cabal da representação.

Apesar de apontar problemas da divisão de sexo/gênero do movimento feminista, reconhece a importância da luta em prol das minorias. Pierre Bourdieu (2007, p.17) também reflete sobre as expectativas sociais que são atribuídas ao sexo feminino e a diferenciação universal dos papéis sexuais. Ele concorda com a tese de que a dominação dos homens é um elemento estrutural da sociedade, no entanto, diz que tanto o homem quanto a mulher são produtos desta dominação.

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

Para o autor, não existem vilões nessa história, já que os homens também estão subjugados a uma série de expectativas de gênero. Espera-se deles o papel de provedores e chefes do lar, sendo que alguns sofrem com a necessidade de atender essas expectativas ditas como naturais. Isso quer dizer que os homens e as mulheres são condicionados aos costumes de uma sociedade. Assim, segundo Pierre Bourdieu (1999) não há como considerar uns mais inocentes do que outros.

A partir de Bourdieu (2007), percebo que o indivíduo dominado, a mulher, se posiciona na sociedade seguindo os critérios do discurso dominante, o masculino. Para o autor, as próprias mulheres legitimam o poder masculino à medida em que socializam

os seus filhos, tantos homens quanto mulheres, reproduzindo as mesmas normas que a oprimem. Segundo o pensamento de Bordieu (2007), a dominação e a desigualdade de gênero se perpetua com a ajuda das próprias mulheres, que em muitas vezes acreditam nas diferenças da natureza e nos papéis sociais desempenhados por cada sexo.

Seja como cúmplices ou como vítimas, as mulheres estão inscritas em uma cultura patriarcal e opressora, como pode ser observado através da literatura por meio da obra *A carne*, livro de autoria masculina. Assim, após abordar a figuração do feminino na cultura, a seguir, analiso a associação entre uma personagem feminina Lenita Matoso e a sociedade patriarcal.

3 Helena Matoso, o que é ser mulher segundo Júlio Ribeiro

Helena Matoso, chamada carinhosamente de Lenita pelos demais personagens, é a protagonista da obra literária escrita em 1888 *A carne*. Dita como uma das obras mais ousadas e famosas de Júlio Ribeiro, *A carne* aborda temas como o divórcio, amor livre, o desejo sexual, nudez, paixão e o papel da mulher na sociedade. O romance inicia com a descrição do pai de Lenita, o doutor Lopes Matoso, que não foi o que se pode chamar de um homem feliz. Aos dezoito anos perdeu seu pai e sua mãe e teve como tutor o amigo da família o coronel Barbosa, que o fez continuar com os estudos e se formar em Direito. Depois de formado, o rapaz assume a gerencia da fortuna de Barbosa e se casa com uma prima de quem sempre gostara, com ela viveu muito feliz em um espaço de dois anos. No terceiro ano de casamento, a esposa falece ao dar à luz a filhinha do casal, Helena Matoso, a Lenita. Após a morte da esposa, Matoso reparte o tempo entre o manuseio de bons livros e cuidado com a filha. A moça, órfã de mãe, nas primeiras páginas da obra, já dedica seus dias aos estudos e ao conhecimento, sendo que, aos quatorze anos já tinha um caráter formado e instrução acima do vulgar. Assim, a obra *A carne* traça um perfil feminino que não se cultivava na época de sua escrita, em 1888, talvez essa descrição seja uma atitude de ironia por parte do autor Júlio Ribeiro, já que a educação feminina estava longe de ser prioridade nessa sociedade. Matoso, leitor de bons livros, repassa o hábito da leitura para a filha, como posso observar no trecho a seguir:

Leitura, escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês, espanhol, natação, equitação, ginástica, música, em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha porque em tudo era perito:

com ela leu os clássicos portugueses, os autores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais seleta na literatura do tempo. (...) Lenita teve então ótimos professores de línguas e de ciências; estudou o Italiano, o Alemão, o Inglês, o Ladim, o Grego; fez cursos muito completos de matemática, de ciências físicas, e não se conservou estranha às mais complexas ciências sociológicas. Tudo lhe era fácil, nenhum campo parecia fechado a seu vasto talento. Começou a aparecer, a distinguir-se na sociedade. (RIBEIRO, 1952, p.23)

O gênero feminino era privado de usufruir de todos os benefícios da educação e da leitura, principalmente, no que dizia respeito à libertação, transformação e criticidade. O ensino era dosado na medida certa para elas, os materiais impressos deviam contribuir para a construção da imagem da mulher como esposa e mãe. Ao mostrar a figura feminina ligada as atividades intelectuais, o narrador de Ribeiro (1952) coloca em cheque o papel da mulher na sociedade. O estereótipo de que elas servem apenas para cozinhar, costurar e cuidar dos filhos também é colocado em reflexão. Cabe ressaltar, como já relatou Guerra (1995), que a sociedade acabou por delegar a mulher a reprodução biológica e o cuidado com os filhos e destinou aos homens a atividade econômica e cultural.

Já que não podia ser elogiada como mulher, Lenita busca através do conhecimento, elemento não-feminino, ser uma pessoa melhor. Ao se aproximar do masculino poderia ser digna de elogios – pensava ela. Ao dar seguimento a análise da protagonista, são fornecidas pistas que me auxiliam na caracterização da mesma. Os adjetivos forte, desenvolvida, robusta e sadia citados lá me levam a pensar que tal desenvoltura está relacionada a educação da moça e seu papel como leitora. Observe no texto de Ribeiro (1952, p. 19) o relato que enfatiza a superioridade e criticidade de Lenita, uma mulher que passa a maior parte do tempo lendo.

E não tinha nada de pretensiosa, bas-bleu: modesta, retraída mesmo, nos bailes, nas reuniões em que não de raro se achava, ela sabia rodear-se de uma como aura de simpatia, escondendo com arte infinita a sua imensa superioridade. Quando, porém, algum bacharel formado de fresco, algum *touriste* recém-vindo de Paris, ou de New York queria campar de sábio, queria fazer de oráculo em sua presença, então é que era vê-la. Com uma candura adoravelmente simulada, com um sorriso de desdenhosa bondade, ela enlaçava o pedante em uma rede de perguntas pérfidas, ia-o pouco a pouco estreitando em um círculo de ferro e, por fim, com o ar mais natural do mundo, obrigava-o a contradizer-se, reduzia-o ao mais vergonhoso silêncio.

Através da dedicação aos estudos, Lenita consegue se destacar entre as demais mulheres, e até mesmo entre os homens ditos culturalmente como superiores, e tenta em inúmeros momentos se impor contra a sociedade sexista na qual vive. Ao mesmo tempo, nessa mesma passagem, percebo o juízo de valor do narrador, na qual o leitor é estimulado a pensar que a personagem faz mau uso dessa sabedoria. Através das expressões “candura adoravelmente simulada”, “sorriso de desdenhosa bondade”, “em uma rede de

perguntas pífidas”, a mulher é representada como sacana, assumindo o papel de opressora do homem.

De fato, a condição natural da mulher e as imposições destinadas a elas são citadas a todo momento no romance de Júlio Ribeiro. Embora, Lenita busque a ciência para se compreender, em meio as recomendações do pai, percebo a construção simbólica do corpo feminino e os mitos criados a partir dele, já que é considerado como algo místico e envolto de tabus. O poder figurativo sobre a negatividade do fenômeno que se chama menstruação reforça as estruturas de poder nas quais elas são inferiorizadas. De fato, as diferenças biológicas são utilizadas como justificativa para negar o espaço e a importância das mulheres na sociedade, assim como pensava Beauvoir (1980).

Ainda no início da narrativa, a jovem sofre com a pressão paterna, que insiste na necessidade do casamento. Por meio de sua personagem feminina Ribeiro (1952) retrata as imposições sociais direcionadas as mulheres do século XIX. Desde pequenas foram educadas e preparadas para se dedicarem ao matrimônio e a maternidade. Lenita, por sua vez, contesta as regras sociais de seu sexo.

Os pedidos de casamento sucediam-se: Lopes Matoso consultava a filha.

- É i-los despedindo, meu pai, respondia ela. Escusa que me consulte. Já sabe, eu não me quero casar.

- Mas, filha, olha que mais cedo ou mais tarde é preciso que o faças.

- Algum dia talvez, por enquanto não.

- Sabes que mais? Estou quase convencido de que errei e muito na tua educação: dei-te conhecimentos acima da bitola comum e o resultado é ver-te isolada nas alturas a que te levantei. O homem fez-se para a mulher, e a mulher para o homem. O casamento é uma necessidade, já não digo social, mas fisiológica. Não achas, de certo, homem algum digno de ti?

- Não é por isso, é porque ainda não sinto tal necessidade do casamento. Se eu a sentisse casar-me-ia (RIBEIRO, 1952, p. 19-20).

Na fala do pai em que ele salienta “é preciso que o faças” e “o casamento é uma necessidade” percebo a pressão da sociedade patriarcal. Ainda a partir dessa citação, em que o doutor Matoso se mostra arrependido da educação elevada que forneceu a filha, sendo que aqui tomo consciência da tradicional associação do conhecimento ao homem, sendo esse perigoso a mulher, aquela que está relacionada à natureza e às emoções. Cabe aqui destacar que a personagem de *A carne* reproduz a desigualdade de gênero e a visão preconceituosa de que o saber em excesso, é considerado perigoso para elas. A representação do papel da mulher trazida por Ribeiro (1952) reitera o pensamento de Aristóteles (1991). Segundo ele, o homem (macho) é mais inteligente e tem uma sabedoria superior a mulher (simples fêmea-conforme o autor).

Depois de apresentar a instrução fornecida a Lenita, a narrativa é direcionada a explicar a vida adulta da personagem, que aos vinte e dois anos perde o pai, que morre de congestão pulmonar. “Lenita quase enlouqueceu de dor: o imprevisto do sucesso, o vácuo subido e terrível que se fez em torno dela, a superioridade e cultura do seu espírito que refugia a consolações banais, tudo contribuía para acendrar-lhe o sofrimento”. (RIBEIRO, 1952, p. 21). Nessa passagem por meio da expressão “quase enlouqueceu de dor” o leitor é conduzido a pensar que a morte do pai destruiu a estabilidade cultural e emocional de Helena. Assim, é construída a ideia de que o pai a construiu, sem ele, a jovem perdeu o eixo. O leitor de Ribeiro também é conduzido a acreditar que, perante a fraqueza das mulheres, elas não sabem lidar com as emoções, concepção defendida na época em que foi construída a personagem de Júlio Ribeiro.

Volto ao enredo, que segue descrevendo o luto de Lenita. Dada a morte do pai, e depois de passar dias sem sair do quarto, a protagonista decide passar uma temporada na fazenda do coronel Barbosa, grande amigo da família e pai do seu futuro grande amor, Manuel Barbosa. Assim, dada a ideia ao longo do romance de que a mulher se enfraquece sem a figura masculina ao lado, Lenita busca outros homens para se colocar no eixo. Era a força de seu pai que apagava a necessidade de casamento. “Uma semana depois estava Lenita instalada na fazenda do velho tutor de seu pai: tinha levado consigo o seu piano, alguns bronzes artísticos, alguns *bibelots* curiosos e muitos livros”. (RIBEIRO, 1952, p. 22). Já na fazenda, começa a sentir seus primeiros tremores sexuais. Apesar da sua alta capacidade intelectual, com toda a sua ciência, Lenita percebe que “não passava, na espécie, de uma simples fêmea, e que o que sentia era desejo, era a necessidade orgânica do macho” (RIBEIRO, 1952, p. 31). Ela sentiu um imenso nojo de si própria, sentiu-se humilhada, sentiu-se “ferida pelo agulhão da CARNE, espolhar-se nas concupiscências do cio, como uma negra boçal, como uma cabra, como um animal qualquer” (RIBEIRO, 1952, p. 31). De nada adiantava a sua poderosa mentalidade, de nada adiantava ter passado dias, noites e horas a estudar e conhecer todos os departamentos do saber humano.

Depois mudava de pensar: não estava doente, seu estado não era patológico, era psicológico, era fisiológico. O que ela sentia era o angulhão genésico, era o mando imperioso da sexualidade, era a voz da CARNE a exigir dela o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra da perpetuação da espécie. E lembrava-lhe a ninfomania, a satiríase, esses horrores com que a natureza se vingava de fêmeas e machos que lhes violam as leis, guardando uma castidade impossível; lembrava-lhe o horror sagrado que os povos da Grécia e Roma inspiravam esses *castigos de Vênus*. (RIBEIRO, 1952, p. 63)

Compreendo diante dessa construção de sentidos que nem corpo é de propriedade das mulheres, mas sim, um objeto de

reprodução, um pedaço de carne, um suporte no imaginário sexual do homem – como já refletiu Irigaray (2017). Assim, nem mesmo o conhecimento é apresentado como elemento de libertação, *A carne* apresenta o sexo, um construto social e biológico, como um destino inevitável para qualquer mulher, seja ela instruída ou não. Para provar de que estava certo, o narrador de Júlio Ribeiro apresenta a matéria corpórea da mulher ligada a animalidade e ao papel de simples fêmea, assim descreve, o ato natural e animal, segundo ele, da reprodução da espécie. Nessa obra literária, a animalidade é associada a espécie feminina - assim como defendia Aristóteles, um dos primeiros a refletir sobre as diferenças entre os sexos.

O touro lambeu a vulva da vaca com a língua áspera, babosa, e depois, bufando, com os olhos sanguíneos esbugalhados, pujante, temerosos na fúria do erotismo, levantou as patas dianteiras, deixou-se cair sobre a vaca, cobriu-a, pendendo a cabeça à esquerda, achatando o perigalho de encontro ao seu espinhaço.

A vaca abriu um pouco as pernas traseiras, corcovou-se, engelhou a pele das ilhargas para receber a fecundação. Consumou-se esta em uma estocada rubra, certa, rápida.

Era a primeira vez que Lenita via, realizado por animais de grande talhe, o ato fisiológico por meio do qual a natureza viva se reproduz.

Espírito culto, em vez de julgá-lo imoral e sujo, como se praz a sociedade hipócrita em representa-lo, ela achou-o grandioso e nobre em sua adorável simplicidade. (RIBEIRO, 1952, p. 30-31)

Nessa obra, a figura feminina é representada por meio de simbolismo. A relação da mulher com os animais também é enfatizada pela palavra “cio”, que é citada em diversos momentos do livro, dentre eles, a descrição do que sentirá a protagonista ao sonhar com a estátua do gladiador. Segundo a personagem, era um sentimento indefinível, uma mistura de receio e desejo, temor e volúpia ao mesmo tempo, era o “cio”.

Lenita ofegava em estremeções de prazer, mas de prazer incompleto, falho, torturante. Abraçando o fantasma de sua alucinação ela resolvia-se como uma besta fera no ardor do cio. A tonicidade nervosa, o erotismo, o orgasmo, manifestava-se em tudo, no palpitar dos lábios túmidos, nos bicos dos seios cupidamente retesados (RIBEIRO, 1952, p. 35)

Também posso citar como exemplo dessa ligação primitiva entre o feminino com a natureza a passagem em que o amor e o “cio” são tratados como sinônimos. Ribeiro (1952, p.196) afirma: “Fisiologicamente, verdadeiramente, amor e cio vêm a ser uma coisa só. O início primordial do amor está, como dizem os biólogos, na afinidade eletiva de duas células diferentes, ou melhor, de duas células diferentemente eletrizadas”. A chegada de Manoel, filho do coronel Barbosa, ilustra a necessidade de Lenita em agradecer um indivíduo do gênero masculino.

Lenita saltou lesta da rede, correu ao seu quarto, penteou-se com desvabcimento, ergueu os cabelos, prendeu-os no alto da cabeça, deixando a nuca bem a descoberto. Espartilhou-se, tomou um vestido de merinó afogado, muito singelo, mas muito elegante. Pôs brincos, broche, braceletes de ônix, calçou sapatinhos Luís XV, cuja entrada muito baixa deixava ver a meia de seda preta com ferradurinhas brancas em relevo. No peito, à esquerda, pregou duas rosas pálidas, meio fechadas, muito cheirosas.

-Bravo! Que linda que está a senhora D. Lenita! bradou o coronel, entusiasmado ao vê-la. Pena é que esteja gastando cera com ruim defunto: o rapaz não é rapaz, e ainda, por mal de pecados, é beco sem saída” (RIBEIRO, 1952, p. 65)

Com a chegada do futuro amor, o divorciado Manuel, Lenita idealiza o moço, filho do coronel, a partir das suas concepções perante o que lhe seria um bom partido. Imaginava o melhor daquele homem bem instruído que viajara o mundo, conhecia diferentes culturas, domina inúmeros idiomas. Afinal, pensava: era instruído, apaixonado por livros assim como ela. A decepção da protagonista em meio ao comportamento bruto de Manuel, leva-a a se trancar no quarto e refletir sobre como idealizara aquela figura masculina, como planeja morar na cidade grande, em São Paulo, viajar pela Europa e ter muitos amantes.

Ela era inteligente, culta. Dessa maneira acreditava, que devido a sua erudição, tinha livre arbítrio e que não era uma mulher como as outras, mas confessa a fraqueza com que ela julgou ter agido ao se entregar a paixão e vive-la as escondidas com Manuel. “Fui sábia, fui preciosa tanto tempo, que achei de justiça dar-me o luxo de ser ignorante, de ser mulher um pouquinho” (RIBEIRO, 1952, p. 244). Volto a reflexão, o termo ignorante relacionado aqui ao feminino me mostra o que pensava Lenita sobre o seu próprio sexo. Além disso, afirmo, novamente, que o conhecimento era dito como inapropriado para as pessoas desse gênero. A grande maioria delas seguiam as regras impostas, dedicavam-se apenas a cozinhar, passar, costurar e cuidar dos filhos.

No final da narrativa, Lenita supostamente fantasia uma traição e foge da fazenda ao encontrar bilhetes e objetos que Manuel receberá a algum tempo de outras mulheres. Novamente, o narrador descreve a fraqueza emocional e a instabilidade de se conviver com uma pessoa do gênero feminino.

Mas ali não se tratava da esposa, tratava-se de três mulheres pelo menos- a dos cabelos que, escuros, tinham naturalmente por correlativos olhos pretos ou castanhos; a do fragmento em prosa, de olhos verdes; a da borracheira poética, de olhos azuis, cor de aço. E quem sabe se não seriam seis ou mesmo sete: o bilhete podia ser de uma outra; as flores secas, de uma outra, as bolinhas de lã branca, de uma outra ainda. E que eram aquelas bolinhas de lã branca, senão lembranças, troféus amorosos, colhidos de certo em cama desfeita, sobre lençóis ainda quentes, após uma noite de delírios eróticos? Aquele homem era um devasso, um D. João de Pacotilha, e ela, Lenita não passava de uma das suas muitas amantes. (RIBEIRO, 1952, p. 230)

Em meio as suas fantasias, a personagem feminina descobre a sua gravidez e encontra no casamento com outro homem a oportunidade para dar um pai ao filho que era de Barbosa, esse por sua vez, ao se sentir enganado comete o suicídio. Essa história ilustra a vida de uma mulher que não se encaixou, em um primeiro momento, as “normas específicas” de seu gênero. Inicialmente, assim como Butler (2003), Lenita defendia uma identidade livre, queria tomar as rédeas da sua própria vida. No entanto, apesar de seus esforços, obrigou-se a desempenhar o seu papel social dentro do patriarcado.

4 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Da tradicional concepção da mulher como submissa, Júlio Ribeiro apresenta, por meio das personagens, o sexo feminino como sendo perigoso, do qual não se pode confiar. Manuel ciente de que Lenita era superior às demais, devido a sua instrução e sua formação, acaba por se decepcionar. “Ela o provocara, ela se lhe oferecera, ela o procurava, ela se lhe entregara, ela se prestara a todos os seus caprichos, mansa, dócil, submissa, para depois assim abandoná-lo, a sós com as lembranças, entregue à tortura da saudade” (RIBEIRO, 1952, p 240). O filho do coronel Barbosa se demonstra indignado, como pode ele se entregar “aos caprichos de uma mulher histérica que se lhe oferecera, que se lhe dera, como se teria oferecido, como se teria dado a qualquer outro, a um negro, a um escravo de roça, não por amor psíquico, mas para satisfazer a carne faminta” (RIBEIRO, 1952, p 260).

Dessa forma, a obra *A carne* demonstra que nem o estudo e a leitura foram capazes de frear os impulsos carnis de Lenita e a tornar uma pessoa melhor na sua condição de fêmea. A mulher que se julgava tão superior as demais não teve a coragem de enfrentar a sociedade, que segundo ela pouco lhe importava, e ficar com seu amado. Ela aceitou a sua condição social por meio da maternidade e do casamento, que se realizou somente na condição de dar um pai ao seu filho, convenções morais da qual ela se julgava.

Referências

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo.

Martins Fontes.1991.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. São Paulo: Ediouro, [S.d].

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Antônio Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Abril, 1973.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- ENGELS, F. **A origem da família da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- GUERRA, Lucía. **La mujer fragmentada: historias de un signo**. 3. ed. Santiago de Chile : Editorial Cuarto Propio, 2006.
- IRIGARAY, Luce. **Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher**. Tradução: Cecília Prada. São Paulo: Editora Senac, 2017.
- MEINERZ, Nádia Elisa. Relações sócias de gênero. In: CARVALHO, Ana Paula Comin de [et al.]. **Desigualdades de gênero, raça e etnia**. Curitiba: InterSaberes, 2012. p 42-62
- RIBEIRO, Júlio. **A carne**. 22. Ed. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo LTDA, 1952.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. **Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino**. In: Organon. Porto Alegre, v. 27, n. 52, jul-dez 2012. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/33480/21353>>. Acesso em 01 jul. de 2017.

Artigo enviado em 12/05/2019. Aprovado em: 27/06/2019.